



A Semana

uma ficção segundo o Homem Benigno

Por funcionário Marcelo

Autores convidados
encarregado Mauricio
Flávio Alfonso Jr.

A Semana

uma ficção segundo o Homem Benigno

A Semana

uma ficção segundo o Homem Benigno

Por funcionário Marcelo

Autores convidados
encarregado Mauricio
Flávio Alfonso Jr.

Ilustrações

Capa: Robson Minghini

Internas: funcionário Marcelo

Projeto Gráfico

Ricardo Ferreira

Índice

Ao Leitor Benigno.....	7
Domingo de Ramos	9
ISCARIOTES, Judas	13
A Ceia Santa.....	17
Preso estás	21
Julgado.....	27
Açoitado	29
A Ressurreição	35

Ao Leitor Benigno

Sou católico. Aliás, já nasci católico. Em um período tão marcante para a fé cristã como a Semana Santa, tenho na mente lembranças ainda mais distantes... Sou capaz de reviver os momentos nos quais, ainda criança, acompanhava meus pais em cada um dos eventos que marcam a prisão, julgamento e morte de Jesus Cristo.

A proposta deste *e-book* é, justamente, reviver e homenagear esses tão solenes momentos, mas, com um diferencial: o estilo de textos que há algum tempo desenvolvemos no *site* [Homem Benigno](#).

E como faz parte de nosso metiê, é claro que essa narrativa ia ser mais ficcional que qualquer outra coisa. No entanto, em alguns trechos a ideia foi tentar reunir alguns detalhes de fatos descritos nos últimos dias de vida de Jesus entre os homens.

Uma experiência semelhante à desse livro digital ocorreu ano passado no site, quando produzi a [Anúnciação de Maria, segundo o Homem Benigno](#). A boa receptividade para com esse texto também motivou a criação dessa história que você acaba de baixar.

Para essa missão, contei com a ajuda de dois excelentes colaboradores: o **encarregado Mauricio e Flávio Alfonso Jr.**, ambos jornalistas que carregam na ponta dos dedos um estilo único para dar um contorno especial a essa tão conhecida narrativa.

Espero que se divirtam e, também, prestem conosco essa homenagem que busca dar leveza a um momento tão solene. É tudo nosso, menino!

– O funcionário Marcelo



Domingo de Ramos

/
[possível, sim, dizer com todas as letras que vivemos hoje a era do carro japonês. Em algum momento de sua vida – seja por você mesmo, seu pai, seu namorado, seu locatário ou o noivo da sua prima que passou em um concurso muito bom – vai ser colocada à sua frente a hipótese do carro japonês. Os motivos dessa ascensão no mercado automotivo são muitos. Posso citar algumas: a tecnolo-

gia, o acabamento, o design... Talvez a melhor delas: a durabilidade. Se tu tens uma oficina que depende da quebra do veículo nipônico, meu amigo, estás no vinagre.

Como já era esperado, com o avanço dessas marcas – e o consequente crescimento das aquisições desses carros no mercado brasileiro –, estas passaram a competir entre si. São inúmeros os pontos de comparação, mas cito aqui apenas um deles: o que diferencia um Toyota Corolla de um Honda Civic? Logo de cara, vão te dizer que é o amortecimento. O jogo de amortecedores, disposição, tecnologia e profundidade do Corolla dão a ele uma sensação de maior conforto. A “Civiqueira” por sua vez, apesar de ainda tratar-se de um veículo bem melhor que a média do mercado, tem a suspensão mais justa, fazendo que o amortecimento seja mais seco, um pouco mais duro (o sul-coreano Hyundai HB20 também apresenta efeito semelhante, apesar que disseram que estão mudando isso daí na versão 2016).

Enfim... Nós estamos falando do que há de melhor e mais acessível quando o assunto é o bem estar lombar durante o transporte. **Jesus Cristo**, filho de José e Maria, no alto de seus 33 anos, não dispunha de nenhum desses confortos no momento que chegava a Jerusalém. Pelo contrário: vinha na cacunda de um jumentinho.

E isso não o desanimava. Sua chegada foi triunfal.

Mais ou menos perto dos Montes das Oliveiras (guarde bem esse lugar que daqui a pouquinho ele volta na história), um pouco mais para baixo, quase na bifurcação, Jesus mandou que dois discípulos fossem até um determinado ponto e lá estariam dois animais: uma jumenta e um jumentinho. Ordenou que os levasse. E avisou que, caso alguém lhes repreendessem, era para falar que estava tudo certo. O mais interessante é que esse jumento já havia sido reservado cinco séculos atrás. O profeta Zacarias já tinha deixado avisado há mais ou menos 450 anos: o “Rei justo, salvador e humilde” chegaria montado nesse animal. Agora tenta você alugar um carro com certa antecedência para uma viagem, que seja para as Salinas de Maragogi, Beto Carrero World... É capaz de dar problema na reserva, dar incompatibilidade do modelo escolhido, sem falar do cheque caução.

Era um momento divisor de águas. O Cristo já reunia ali, sobre o simplório jumento, uma bagagem de vida e tanto. Desde muito meni-

no o jovem galileu já impressionava pelos seus atos. Ensinara, pregara, fora batizado, curara e resistira. Mas naquele domingo, tudo o que havia se passado finalmente lhe rendia uma recepção agradável por aqueles que, desde e o início, haviam sido seus interlocutores. O povo.

Assim que o filho do Homem entrou pelos portões da cidade, foi recebido com gritos e saudações. Ao invés do chão batido e das pedras, o casco do animal passava sobre uma passarela formada por tecidos, vestes e era ovacionado por uma multidão que carregava, nas mãos, os verdes ramos.

O simbolismo dessa entrada à cidade foi marcante e, até nos dias de hoje, a cada missa que inicia a dita Semana Santa, os fiéis carregam até o templo os seus galhos e ramos. Particularmente, tenho uma péssima experiência envolvendo uma dessas ramas. Em certa missa que participei no Santuário de São Judas, em São Paulo, descolei um desses ramos de uma senhorinha que o vendia na porta da igreja. Terminada a cerimônia o levei para casa e deixei pendurado por alguns dias na parede do quarto, como que para abençoar o ambiente. Acreditem vocês que esse trem entrou em contato com uma camiseta minha que estava ali pendurada e, ao usá-la posteriormente, me deu um coceirão nas costas que eu fiquei parecendo o casco de um tatu-galinha. Seria uma rama de urtiga?

O povo gritava:

“Rei dos judeus”, “Hosana ao Filho de Davi”, “Salve o Messias”, “Bendito o que vem em nome do Senhor; Hosana nas alturas!”

E assim foi sua chegada. Entre momentos de alegria e exaltação, o significado maior desse evento no catolicismo representa algo como o “OK” para a criação da igreja. Havia naquela turma a aceitação necessária para compreender o papel de Cristo e o embrião da fé cristã que tanto seria difundida nos dois mil anos seguintes... E contando!

[A câmera corta para uma sala escura, com uma mesa redonda, onde barbados anciãos e homens da lei mostram-se bastante incomodados com as imagens da chegada de Cristo em cima do jumento a Jerusalém. Os ramos unidos dão uma coloração esverdeada às imagens, feitas provavelmente de helicóptero

ou drone. Na hora que a câmera sai da manifestação e exhibe um Márcio Canuto fariseu aos berros, esses homens desligam a tevê e começam a conversar]]

Havia entre os homens da lei e antigos sacerdotes alguns sentimentos ruins relacionados à escalada de sucesso do Cristo Nazareno na paróquia. Afinal, quem era aquele homem? Antes só se ouvia uma conversinha ou outra a respeito e, de repente, surge esse jovem rapaz, rodeado de seguidores, assessorado por doze discípulos, com uma sociedade a seus pés.

Além de seu forte apelo popular, que corria as ruas em forma da fama de suas histórias, ensinamentos e milagres, havia outra preocupação, mais política. Seu protagonismo diante das massas suscitava entre os antigos donos do poder a hipótese de uma rebelião maior, que atingisse não apenas as fileiras da religião, mas que se voltasse contra Roma.

Alguém tinha que dar um breque nesse homem... Mas quem... QUEM?!?!

ISCARIOTES, Judas

— por encarregado Mauricio —

/
[possível identificar no passado de uma pessoa algum fator que pareça determinante no que é conhecido como formação de caráter? Não parece audacioso afirmar que um episódio da infância, por exemplo, é crucial como um efeito borboleta para todo o resto da vida de um homem? Ademais, qual pipoca de micro-ondas é melhor? Sempre fico indeciso entre as mais baratas e as com sabores exóticos.

De qualquer forma, o foco aqui está entre os anos de 10 a.C. e 10 A.D. (os teólogos associados ao **Homem Benigno** estão em férias coletivas); foi dentro desse intervalo de tempo que nasceu Judas Iscariotes. Uma figura controversa e peça chave na narrativa bíblica do Novo Testamento, Judas cresceu pobre em uma pequena fazenda de pastores.

Suas peripécias quando infante preocupavam muito seus pais. Aos 3 anos, atirou um pedregulho [em um socó-boi](#), ave majestosa muito comum na Galileia e em Presidente Prudente (SP). Com 7 primaveras, decepou um quati com uma folha de babosa que afiou pacientemente. O ápice aconteceu quando completou 14 anos: havia desenvolvido uma grande empatia com animais, principalmente os caprinos, e foi visto realizando uma performance de um excerto de *Les Misérables* com quatro bodes. A coreografia estava impecável.

Às vésperas de atingir a maioridade, foi enviado por seu pai, Simão, para um internato onde estudaria com os sacerdotes. Foram anos difíceis para o jovem Judas. Não se identificava com a rotina do templo e se tornou tímido e irritadiço. Seus amigos o convenceram a usar o aplicativo Tinder, mas no geral só encontrou insucessos afetivos.

Os boatos sobre um sujeito popular, de aspecto messiânico, eram cada vez mais espalhados e chegaram ao internato. O

tal Jesus, um nazareno, estaria agregando um grupo de fiéis seguidores e os ensinando lições valiosas em suas peregrinações. Também era interessante a política de benefícios para membros; cada discípulo recebia *vouchers* mensais para bons sites de compras. Era o que Judas precisava para abandonar o internato e partir em direção ao profeta.

Seus dias com Jesus foram bons e edificantes. Finalmente tinha um senso de pertencimento e acabou descobrindo em si um grande fôlego para a prática religiosa. Seu empenho chamou a atenção do Messias, que o tinha em grande estima. Na verdade, o único inconveniente desse período era o fato de um dos colegas se chamar Judas Tadeu. Tadeu era filatelista, o que resultava em Iscariotes recebendo várias encomendas de selos por engano em sua casa.

A raiva e o descontrole de antes pareciam ter desaparecido. Judas vivia um dia após o outro e começou a se inspirar com *coaching* e com palestras do *TED Talks*. No entanto, a paz teve validade curta.

Era uma noite quieta, quase desesperadora de tão silenciosa. Judas estava instalado provisoriamente em um humilde casebre de uns amigos enquanto Jesus ensinava em uma cidadezinha próxima de Jerusalém. Foi então que recebeu a visita do Coisa Ruim, ele mesmo, Satanás, cujas palavras eram dotadas de intensa sensualidade e persuasão. A monstrosidade falava com um tom de voz irritante, com o *pitch* alterado, tipo *Alvin & Os Esquilos*.

A passagem do Inimigo pelo caminho de Judas é tido com o responsável pelo surgimento de uma ganância gigantesca – tamanha fome por dinheiro que o fez se vender por 30 moedas e trair o Cristo. Outra versão da traição tem cunho mais político. Ocupava o cargo de tesoureiro entre os doze apóstolos e, uma eventual manobra no poder, poderia lhe conferir um cargo de maior prestígio junto aos líderes da época.

A campanha de Iscariotes tocou novamente, mas dessa vez um entregador de pizzas que, para variar, apesar dos inúmeros alertas, trouxe, novamente, bordas com catupiri. O homem ficou transtornado.

Passou a viver tomado pelo rancor e sentimentos ruins e já não acompanhava os discípulos nas tradicionais partidas de Uno.

Afastou-se de Jesus e parecia estar sempre absorto nos seus pensamentos e consciência.

Os próximos passos de Judas são mundialmente conhecidos, mas nem por isso deixarão de ser abordados por estes documentos (só tenha um pouco de paciência, vá).



A Ceia Santa

Pouca gente sabe – além da Wikipédia – que **Leonardo da Vinci** deu um trabalho danado para entregar, aliás, para finalizar um de seus mais famosos murais. Pintado em uma das paredes do monastério de *Santa Maria da Graça*, em Milão, Itália, com 8 metros de largura por uns 4 e meio de altura, esse quiprocó se deu pelo fato de o artista não encontrar um vilão perfeito para dar face a,

justo ele, Judas Iscariotes. Como esses pintores renascentistas precisavam de modelos para reproduzir nas obras, Da Vinci buscava a feição que melhor representasse o apóstolo que traiu Cristo. Devia ser muito exigente, porque, você pega um Caravaggio, por exemplo, esse aí só pintava pau d'água e andarilho como modelos em suas belíssimas telas.

Aliás, você calcula a chatisse de um sujeito como o Leonardo da Vinci. Esse povo mais antigo não tinha IPVA e IPTU pra pagar daí tinha tempo para ficar se especializando em tudo. Tudo! Leonardo era médico, pintor (de quadro e casa, desde que pequena), astrólogo, escultor, geólogo, filósofo, amolava alicates de unha e tinha umas desas peruas que trocam Tele-Senas velhas por panelas de alumínio.

Diante da demora na entrega do afresco, um figurão lá do mosteiro resolveu mandar um pipa para o artista. Por escrito, reclamou da demora e do estouro no prazo. Reza a lenda que, na pintura, a representação do traidor teria ficado beeeeeem parecida com a fuça do reclamante.

A cena eternizada pela arte exhibe uma grande mesa, com Jesus ao centro, rodeado pelos seus apóstolos. Algo acontece na descrição, ele parece falar algo, que rende sentimentos diversos nos presentes (já falo para vocês o que ele disse, antes vou abrir o portão para o menino trazer o galão do Disk Água).

Aqueles dias antecediam a Páscoa Judaica e, por isso, os discípulos perguntaram ao Cristo onde ele gostaria de celebrar a data. Nos escritos dessa época, há menções de que esse evento teria acontecido na terça-feira ou na quinta-feira da Semana Santa – aliás, nem cobro muito esses detalhes, pois, assim como os responsáveis por perpetuar as escrituras, eu também não sou muito bom com datas.

À mesa reunido com os doze apóstolos, não há mulheres no recinto e a proximidade desses homens reflete o momento mais “família” dessa trajetória. Cristo pega uma bacia e uma toalha felpuda e se agacha, para iniciar a noite com um gesto de extrema humildade: o lava-pés. Ao perceber o que o Mestre fazia, o apóstolo Pedro [que também assina Simão Pedro] ficou abismado e disse que não ia deixar que ele fizesse isso, onde já se viu que justo o chefe lavasse o calcanhar dos seguidores. Jesus fingiu que não era com ele e la-

vou assim mesmo. E incentivou que os demais o fizessem também, prática que até hoje é repetida nas cerimônias religiosas.

Sentado à mesa, Jesus tomou o pão, deu graças e o partiu e o deu a seus discípulos. Deu também o vinho. Essa partilha simbolizou o início de mais um sacramento, a Eucaristia. Tudo ali, naquela mesma mesa (foi uma noite e tanto hein).

Mas aí volta a tela de Da Vinci: o que ela representa e as emoções que os desenhos buscam reproduzir estão relacionadas a algo que Jesus lhes disse. Ali mesmo, na lata, o Mestre afirmou que um dos discípulos ia usar da trairagem. Não disse quem, mas deu aquela tossida meio pigarreada apontando para o lado de Judas, filho de Simão.

A revelação caiu na mesa quenem uma pastilha Mentos atirada numa garrafa PET de Coca Diet. Os apóstolos se entreolhavam com cara de surpresa, outros se revoltavam, Matheus chegou a quase engasgar com uma asinha de frango.

O que mais impressiona nesse episódio chamado também de a Ceia do Senhor, é o fato de que o Cristo já sabia de seu destino e dos tristes fatos que estavam por vir. Em uma de suas célebres frases no momento em que ele transmite quais seriam os procedimentos a serem lembrados na cerimônia eucarística dali para a frente, ele frisa: “fazei isto em minha memória”.

Ele sabia que era apenas uma questão de tempo para que lhe armassem uma tocaia.

Preso estás

— por encarregado Mauricio —

Naqueles dias, Jesus estava bastante atribulado. Um dos seus discípulos o trairia, agora era certo. Seu destino em breve mudaria completamente, como já fora previsto. Além disso tudo, precisava ajeitar o download da atualização Lollipop do seu sistema Android – sempre deixava isso pra última hora.

A noite anterior tinha sido barra. Comunicara aos seus seguidores que um deles não era o que parecia e todos se encheram de apreensão. Tentou então contemplar sua situação com o silêncio, interrompido por um discípulo que era militante *vegan* e outro ansioso por apresentar sua teoria de como o seriado *House of Cards* lembra os descaminhos da política brasileira. Acabou indo dormir tarde e com a cabeça doendo.

Pela manhã, recebeu de seu Pai a instrução de seguir ao **Monte das Oliveiras** [Lembra? Não falamos que ele voltava na história? N. do E.] para uma oração. Procedeu com a peregrinação, embora não sem contratemplos: o bendito lugar não aparecia no Google Maps por nada e, quando estava quase desistindo, foi lembrado por um frentista de que o nome certo a se procurar era Jardim de Getsêmane. Jerusalém e georreferenciamento, uma relação conturbada.

O Messias conseguiu chegar ao Monte ainda pela manhã. A enxaqueca continuava firme e forte, mas já sentia uma sensação de paz pela proximidade do encontro com Deus. Assustou-se ao ouvir um galho quebrar perto dali. Virou-se e descobriu que era seguido pelos discípulos.

– Irmãos, pensei ter sido claro convosco. Preciso de um tempo sozinho.

– Jesus, as estradas são perigosas e sabemos que a traição nos ronda. Não podemos deixá-lo.

– Vossa insistência prevalece. Ficai e armai vigília. Orai, pois a tentação não dorme.

Um pouco impaciente, Jesus andou alguns metros (o bastante pra se distanciar do sujeito de *House of Cards*) e se colocou de joelhos para falar com o Pai. Nesse momento, conseguiu notar que estava aflito. O suor escorria por suas têmporas e a angústia se fazia presente.

– Pai, tua vontade deve ser seguida, não a minha. Se assim dejes, afasta de mim esse cálice – o Salvador não teria condições de imaginar que esta célebre frase muito mais tarde se tornaria alvo de um infame trocadilho envolvendo as palavras “cálice” e “cale-se”. Seu desespero começou a diminuir quando avistou um anjo nos céus. As coisas tornavam a fazer sentido.

Depois de alguns minutos, o Messias decidiu voltar para onde ficaram os discípulos. A cena que encontrou não era exatamente animadora. Os homens estavam amontoados e dormiam um sono contagiante. Roncos e respiração forte podiam ser ouvidos por todo o Monte.

– EITA – exclamou Jesus encolerizado enquanto dava com uma pesada ripa de madeira no chão – é assim que ficais em vigília?

Todos levantaram de pronto, como o fazem os culpados quando flagrados ou aquele seu conhecido escandaloso quando toca a música “dele” no rolê. Quase todos, na verdade, pois Simão ainda dormia como um bebê (“ele tem apneia, coitado”). Jesus não podia acreditar no que via. Estava se arrependendo de sua decisão de não usar a FUVEST para aplicar a seleção dos discípulos quando foi surpreendido por mais uma terrível sequência de eventos.

O barulho de aço e de sandálias socando o chão denunciou a chegada de uma pequena multidão. Guerreiros e escravos levavam espadas e a bandeira do Sumo Sacerdote **Caifás**. Aliás, que sujeitinho esse Sumo Sacerdote, hein? Um boato popular na época relatava uma ocasião na qual demitiu treze pessoas de seu *staff* por terem comprado a marca errada do seu shampoo anticaspa.

Na frente do grupo marchava um rosto conhecido. Mas Jesus (e vocês) já sabia quem era antes mesmo de avistá-lo. Judas

Iscariotes carregava um sorriso perverso, daqueles de quem confirma presença em todos os eventos no Facebook mas nunca vai em nada, e um saquinho cheio de moedas. Cumprimentou o Filho do homem com um beijo – com hálito misto de *espresso* de máquina e Cepacol.

– Judas, tens coragem de me beijar depois de me trair?

– Tenho coragem de muitas coisas – enquanto falava, Judas fazia tilintar as moedas na sacola. Balançou com tanta veemência que o conteúdo caiu no chão e os presentes puderam notar que além das trinta moedas de prata havia uma porção de moedinhas verdes do jogo *Farmville 2*.

Um dos guerreiros da turba chegou e se fez ouvir:

– Veja, Jesus, eu posso não ter sua escolaridade mas de uma coisa eu sei bem – dizia as palavras com a cautela de quem ensaiou no espelho sujo mas substituiu repentinamente a frase por um berro aterrador. Um dos discípulos havia puxado sua espada e desferido um golpe brutal contra a orelha do homem que falava. O órgão foi arremessado para longe e todos se recolheram em susto.

– ARRIÉGUA, homens, que baita papelão – Jesus elevava novamente sua voz enquanto restaurava a orelha do guerreiro – não quero mais saber disso, basta! Estive ao vosso lado por muitos dias no templo e nunca levantastes a mão contra mim. Hoje, como um ladrão, entrego-me ao vosso desígnio, que em verdade vem das trevas.

O silêncio tomou o ambiente. Os guardas amarraram o Messias e começaram a levá-lo em direção ao seu julgamento, mas era possível notar algo estranho no ar. Era como se aqueles homens soubessem que o que faziam era errado.

Dos discípulos, apenas Pedro (que também assina como Simão Pedro) seguia a movimentação. Manteve distância e ficou calado. Na chegada ao pátio do Sumo Sacerdote, sentou-se com alguns soldados perto de uma fogueira.

Pedro era conhecido por sua hesitação e indecisão. Quando jovem, começara três faculdades (Carpintaria, Caligrafia e Marcenaria) e nunca concluiu nenhuma. Trabalhou como ambulanteiro em Bete-Semes por uns anos, mas não se sentiu realizado. Era justamente nos seus dias projetando, construindo e pilotando ambulân-

cias que pensava quando a acusação de uma mulher que também estava ao redor do fogo o despertou.

– Meus caros, esse sujeito que aqui se encontra é um dos de Jesus. Já os vi no mercado juntos e a arroba dele sempre é citada no Twitter do Nazareno.

– Minha senhora, desfiz minha conta porque o Twitter não está virando mais nada. E não, não conheço o tal Jesus.

Como em um coro, outras acusações se uniram e logo Pedro viu-se cercado por guardas e curiosos. Ananias, o comediante de *stand-up*, levantou-se e anunciou:

– Muito me impressiona a negativa, já que ontem mesmo vi a associação com Jesus em teu LinkedIn.

– O meu perfil lá anda muito desatualizado, meu senhor – Pedro evitou olhar pra cima; não queria correr o risco de cair em uma situação de improviso de Ananias.

Um garoto de uns doze anos no máximo foi o próximo a inquirir.

– Estás a mentir, homem. Digo isso pois vives a publicar fotos em hamburgueria, marcando o Messias no Instagram – pronunciou Instágram, com tônica no “tá” (é o apropriado em aramaico).

– Menino, não sei do que falas. Só posto fotos e vídeos do meu treino na academia com a tag #blindão.

Aproveitando uma brecha na aglomeração, Pedro correu para fora do recinto. De joelhos, chorou amargamente ao lembrar do que Jesus havia dito: “Pedro, não confie em aplicativos de emagrecimento, eles nunca funcionam. Ah, e antes que o galo cante hoje, tu me negarás três vezes”.

O Nazareno foi levado ao tribunal de anciãos. Enquanto isso, era açoitado e zombado. Colocado na presença do concílio, foi questionado.

– Grampeamos o teu telefone. És tu o tão falado Cristo?

– Não creereis se eu o afirmar.

Os membros do concílio eram liderados por **Caifás**, que começava a perder a paciência.

– És o filho de Deus?

– Tu o dizes.

– Temos nossa confirmação, levem este homem daqui. Quem vai cuidar desse expediente é Pilatos.

Nada mais se ouviu, exceto um grito distante no horizonte. Abdi-
neu, o construtor, derrubara um bloco maciço de concreto em seu pé.

Julgado

Já assisti diversas representações da Via Crucis, seja no cinema ou [em peças de teatro amador](#). Ainda não consigo vislumbrar como seria, fisicamente, um **Pôncio Pilatos** ideal, verossímil. Talvez uma figura tipicamente italiana, uma mistura de jogador da seleção de futebol com aquele nariz característico das moedas que traziam o rosto de Julio César. Outras vezes, imagino Pilatos sendo vivido pelo ator **Carmo Dalla Vecchia**, nascido em Carazinho (RS), neto da colônia italiana.

Uma trombeta anuncia a chegada do prefeito da Judeia, província romana. Uma multidão se aglomera ante uma grande sacada. Pilatos, filho do finado Zé Pilatos, pede que lhe tragam o homem acusado de andar por aí se dizendo “Rei dos Judeus”.

Cristo é trazido por corpulentos guardas romanos em seus uniformes de centuriões. Pilatos brada ao povo a famosa frase “eis o Homem!”, do latim *Ecce Hommo*.

A multidão começou a gritar, ensandecida e raivosa, pelo que ali apresentavam. Os gritos davam a entender que aquele sujeito era, na verdade, um impostor.

Por ocasião da Páscoa, havia uma tradição de que uma pessoa poderia conseguir sua liberdade, desde que devidamente aprovada pela voz do povo. Tinham ali o *Christus Nazareus* ou um matrícula que arranjaram, com uma capivara mais suja que estelionatário na divisa do Paraguai, vulgo *Barrabás*.

“Preferem que eu solte o ‘Rei dos Judeus’, ou Barrabás?”, exclamou Pilatos à população. Um segundo de silêncio parou pela multidão, ao que um sujeito lá no meio, incorporando a função de um verdadeiro Liminha, assistente de palco de Gugu Liberato, gritou: “Solte Barrabás. Solte Barrabás”!

E a multidão acompanhou: “Barrabás, Barrabás, Barrabás”.

“E o que farei com o Cristo”?

No que a multidão decretou: “Crucifica-o! Crucifica-o”!

Em uma saída pela tangente que eu não sei se foi bem assim, mas pelo menos foi o que me contaram, Pilatos afirma não ver crime algum naquele jovem galileu, mas que lavava as mãos e jogava a bronca na resposta do povo. Trouxeram uma cuia de prata dessas da Tramontina e ele literalmente lavou as mãos ali mesmo, no que uma pessoa do povo disse: “nós entendemos a expressão, não precisava executar isso, literalmente”.



Açoitado

Meu Deus, que sexta-feira estava sendo aquela... Julgado pelas massas, Jesus foi despojado de suas vestes e, Pai do Céu, como fora açoitado. Humilhado, espancado, esfolado vivo. Em uma das apresentações do longa A Paixão de Cristo, de Mel Gibson, no antigo cinema de Pirajuí, interior de São Paulo, lembro que nessa cena do açoitamento de Cristo, uma senhorinha do Apostolado da

Oração deixou a sala no meio da sessão e foi se informar quais as providências que ela tinha que fazer para viajar aos Estados Unidos. Estava convencida que iria tirar a limpo essa história com o diretor Mel Gibson.

A surra quase mortal não foi suficiente. Ainda havia o deboche. Já que eras rei, por que não vestir-lhe um manto vermelho. E mais: uma coroa de espinhos.

Na base da porrada, ele foi levado até as ruas, com um lenho nas costas e, sob chicotadas, passou a percorrer o trecho do local onde foi julgado, no pretório, até o monte Calvário (que significa caveira) ou Gólgota.

Das calçadas e sacadas, gritos de ódio da multidão, cusparadas, pedradas. “Não eras o Rei dos Judeus”? Gargalhavam.

De cabeça baixa, o Cristo se equilibrava o quanto podia, diante de tamanha dor, com as costas em chamas pelo peso da madeira e com os olhos sendo perfurados pelos espinhos. Foi quando algo diferente aconteceu...

Uma leitoa gorda foi arremessada em meio a multidão, atrapalhando o fluxo da *via crucis* e quase derrubando um dos guardas romanos. “Catso!! Ma che cosa!”, bradou um deles! (Vocês já se pegaram pensando no povo do Império Romano falando, ao invés do latim, o italiano? Seria um lance meio máfia bizantina, né?)

Outros cinco centuriões foram em direção ao suíno para tentar segurar o animal. Sem entender o que acontecia, atordoado, Jesus ouve uma voz sussurrada... “Jesus! (Assobio) Por aqui”.

Era o apóstolo João, com um manto cobrindo a cabeça, tendo metade do seu corpo para fora de uma portinhola, bem próxima ao ponto onde o Cristo carregava sua cruz. Com muita dificuldade, ele consegue soltar o lenho e cambalear até a porta, onde é acolhido pelo discípulo, “venha, rápido”. Era tarde demais, os poucos segundos foram suficientes para que um dos populares avistasse a fuga do mártir e gritasse. Já a leitoa também conseguiu escapar e, durante quase um ano, sobreviveu assumindo a identidade de Natanael, um antigo mercador de tules. Teve morte acidental após pururucar por engano a própria pata, pensando se tratar de uma outra leitoa.

“O Cristo fugiu!”

“Cáspita!”, exclamou o líder dos soldados, correndo em direção à portinhola. Do lado de dentro o Filho de Deus já estava bem acompanhado. Filipe, Mateus, Tomé e Tiago já estavam do lado dentro, para ajudar a carregar o ferido homem. Também estava Klevenir, primo de Tiago, que é de Palmital, região de Assis, interior de São Paulo, onde trabalha como DJ.

Eles correram em direção às catacumbas – afinal, naquela época, toda casa dava acesso a uma boa catacumba. De um embornal, Filipe retirou dezenas de bolinhas de gude e as jogou no rastro dos soldados que, como usam aquelas sandalhinhas de courino, não tardaram em escorregar ao melhor estilo *Esqueceram de Mim*. Mas eram muitos... E estavam sedentos por sangue.

– Para onde estão me levando?

– Fique calmo, Mestre, os outros apóstolos estão nos esperando ao final desse corredor.

– Pessoal, será que eles estão lá mesmo? Acho que teremos que pagar para ver –, disse um preocupado Tomé.

Umas luzes de tochas pareciam iluminar o trecho. Os caminhos se afunilavam e chegara o momento em que a largura comportava apenas uma pessoa.

– Se obstruirmos o caminho, será nossa chance –, disse João. Mas para isso... Um de nós terá de ser sacrificado...

– É preciso fazer isso pelo bem do mundo cristão –, solidarizou-se Tiago – Que fique o meu primo Klevenir, de Palmital, inserido nessa ficção justamente como solução de roteiro para esse momento!

O rapaz deu aquela engolida a seco do Seu Madruga e lá se foi para obstruir o batalhão de Roma. E assim aconteceu.

Já no local combinado, aguardavam os demais apóstolos.

– O que vocês estão fazendo? Estão desafiando as leis de Deus e dos homens?, disse o Cristo.

– Não, Senhor.

Uma voz veio da escuridão. Também encapuzado, um homem barbudo, corpulento e arrependido. Era Pedro (que também assina Simão Pedro).

– Devo-lhe desculpas, Pai.

– O que é isso, Pedro... Você ainda será muito importante, para não dizer, decisivo para a fé cristã.

– Conte comigo. Se cumprimentaram e se abraçaram.

– Mestre, Pedro... Estamos ouvindo um barulho estranho vindo daquela saída.

Um gigantesco centurião aparecera, estralando os punhos e executando alongamentos no pescoço. Ele trazia uma barra de ferro nas mãos que, segundos depois, ele mordeu e a estraçalhou entre os dentes. Era apenas um aperitivo, algo como um Fandangos.

– Vocês não sairão dessa catacumba. Aaaaaaaa... Ele saiu correndo em direção ao grupo de homens e pulou com os dois pés juntos, desferindo uma voadora mortal. Por uma infelicidade do destino, entrou na frente justamente Klevenir, primo de Tiago, de Palmital, que conseguira escapar por um milagre do massacre dos soldados romanos. Mas dessa vez não teve jeito.

Diante da periculosidade do gigantesco centurião, os apóstolos recolheram Cristo e se posicionaram próximos à saída. Lucas, que sempre foi o discípulo mais didático, aproveitou para mostrar outra de suas habilidades.

– Turminha, ide para a fuga do Mestre, deixa que cuido desse *mosca de varejo*. O apóstolo Lucas começou a ensaiar movimentos que emulavam a capoeira mas, ao mesmo tempo, desferia socos, ganchos e *jabs*. Teria sido ele o primeiro praticante da milenar arte do CAPOBOXE?

A fuga estava em andamento... Mas para onde eles iriam?

– Vamos levar o Senhor daqui – disse, sem mais delongas, um dos apóstolos.

– Mas para onde? Soube que bloquearam todas saídas da Judeia. Há um cartaz com uma foto minha em cada tocha espetada pelo caminho...

– Mestre, confie na gente.

O plano era ousado. A ideia era levar Jesus disfarçado até a casa de Bartolomeu, o apóstolo caminhoneiro. Lá, tentariam embarcá-lo escondido na carreta, junto com uma carga grande de mirra – o duro é que aquilo é amargo pra chuchu. Mas bem melhor que ser torturado em praça pública, certo?

É claro que haveria fiscalização por toda estrada, então a ideia era sair por Jericó, porque estava em época de quermesse por lá, ou seja, a galera estaria meio distraída. Daí era atravessar às escondidas o Reino de Amom, parar para abastecer em Rabate-Amom num GRA-AL que inauguraram esses dias e, de lá, chegar nas Terras Aramaicas.

Tudo parecia rumar para o sucesso. Bartolomeu estava manobrando seu caminhão Volvo, só no alarme de ré “pin pin pin pin”.

Passado o sufoco da prisão, a traição de Iscariotes, o julgamento injusto, a ira do povo, os golpes e pancadas dos torturadores, finalmente as coisas estavam aprumando de novo para o Nazareno.

– Mestre, é hora de partir, disse João.

Naquele momento, um a um passaram a abraçar Jesus, se despedindo até uma nova oportunidade de reencontro.

Pedro se aproximou, abraçou Cristo, cobrindo-o com um manto na cabeça e, em seguida, botando um boné da John Deere na cabeça de Bartolomeu.

– Pessoal, vou ligar o caminhão porque não quero dirigir com o sol na cara...

O ronco do caminhão cortou o céu da Judeia. E partiu, em direção ao um novo futuro para Aquele que tanto lutou pelo bem dos homens.

*

Bom, a essa altura do campeonato vocês já devem ter percebido que não foi bem assim que aconteceu, não é?

Cristo caminhou com o lenho até o monte Calvário. Lá, morreu crucificado. Um grande trovão marcou o momento de sua partida. Foi retirado da cruz e deitado aos pés de sua mãe, Maria. Conforme já havia adiantado aos discípulos, tudo estava consumado.

Ressurreição: 33 d.C. O ano que não acabou

— por Nicodemos, o Fariseu —
(Ghostwriter: Flávio Alfonso Jr.)

A história parece bonita, cheia de simbolismos e mensagens, mas a realidade é dura, amigo. Morrer é bem complicado, mais para quem fica do que para quem vai – mas reviver assim, sem aviso, dá muita dor de cabeça. E posso dizer sem medo que hoje sou experiente nisso. Eu sou testemunha da **Ressurreição** de Jesus.

Sim, eu vi acontecer. O homem levantou e saiu andando como se tivesse acabado de passar a catraca do Lapa-Socorro e só tivesse um lugar na janela e uma pessoa ali já sentada no corredor. Já passou por isso? Você fica parado ali, em pé, bem ao lado da pessoa, dando a ela a última chance de ser feliz na vida. E ela não aproveitou. Pediu licença e passou por Maria Madalena, que saiu correndo gritando.

Eu? Olha, fiquei meio sem ação. A primeira coisa que me veio à cabeça foi o coitado do apóstolo Marcos que ficou de ver a certidão de óbito. Teve que buscar uma papelada em Nazaré para levar no cartório em Bethesda, mas o tabelião mandou ele para Jericó, e de lá mandaram o coitado para Roma. Já podia ver o emputecimento do menino quando voltasse com tudo feito e visse que não precisava de nada disso. Isso sem falar naquele terreno em Cafarnaum, que já tava até no inventário.

“Em verdade vos digo: acho que dei um mau jeito no joelho”, ele falou. Respondi, em verdade, que era para ele aguentar as pontas, porque não tinha para onde levá-lo. Madalena cancelou a Amil

dele um dia antes e quebrou a carteirinha. Ou seja: ele não tinha nada, não era ninguém a não ser o Filho de Deus Encarnado e Resuscitado. Ajudei ele a se cobrir com os panos, dei uma estancada nos ferimentos e mandei ele sentar ali e ficar bem quieto. Era tudo o que eu não queria. Fiz uma boa ação em ceder minha caverna e deu nisso.

Naquela época eu era bem relacionado e tinha várias manhas. Falei com dois ou três caras que arrumaram para a gente sair dali sem ser visto. O cunhado de um desses meus camaradas tinha um curtume em Jerusalém que nos serviu de abrigo por alguns dias. Lá, lhe demos um banho e arrumei um conjunto de moletom “Los Angeles University 4800” e um par de chinelas.

Agora que a gente já estava mais quieto, resolvi assuntar. “Que que tá pegando, brother?”, mandei. Ele sempre foi quietão, mas dessa vez eu sabia que tinha alguma coisa diferente, só que ele nunca falaria comigo, só com Pedro e os outros. Mas o olhar dele para mim era de uma confiança plena, como se eu tivesse mesmo em missão divina. Isso me deixou bem tranquilo, até o dia em que Marcos chegou bufando com uma pastinha verde de papelão. Tentei acalmar os ânimos, deixei o nazareno ali e saí com Marcos.

O coitado estava até com febre de tanta raiva. Falou que não foi só o problema de ir até Roma para resolver a papelada NA PÁSCOA, quando tudo fecha. O terreno em Cafarnaum estava com IPTU atrasado e mato alto, cheio de multa. Teve que colocar dinheiro nesse esquema. E agora tínhamos o nazareno ali, de buenas, e os documentos todos comprovando que ele estava morto. Perdeu tudo.

Foi aí que lembrei do Lázaro. Um tempo antes, você deve saber, o ressuscitado deu de ajudar uma galera, e entre eles Lázaro, um morto como ele. Dona Luzia, a mãe do Lázaro, deve ter passado por dor de cabeça parecida depois de tudo isso. Enfim, dei um jeito de falar com ela. Resultado: Lázaro teve que “nascer” de novo. Tirou certidão de nascimento, RG, CPF, Cartão Cidadão. Ah, e teste do pezinho também.

Nessa época a Madalena perdeu o medo e voltou, convencida finalmente de que não se tratava de alma penada. Olha, antes fosse. Comecei então a passar serviço para ela. Ela deu um jeito de tirar a

gente de Jerusalém e mandar para Damasco, onde um primo dela cursava faculdade de RP e morava em uma república. O esquema lá era mais tranquilo, mas mesmo assim deu muito trabalho. Dias depois eu estava na maternidade ajudando a furar o pé do nazareno. Foi um baque. Mas graças a Yaveh ele não tinha nenhum problema de (re)nascença.

A gente estava numa pior. Mandeí um mensageiro falar com Baltazar, para mandar alguma coisa, qualquer coisa para ajudar. Não precisava nem ser ouro, uma ou duas cestas básicas já ajudariam. Vou te dizer, esse negócio de cuidar de alguém como se tivesse acabado de nascer, ou no caso, renascer, mexeu comigo. Fiquei meio perdido. Pensei em devolvê-lo para a mãe. Ela não sabia de nada ainda, coitada. Deixei tudo lá com o pessoal de Damasco, Madalena e Marcos ficaram lá com ele, e fui até Nazaré ter com a Mãe do Santíssimo.

Não adiantou, ela não acreditou em uma palavra do que eu disse. Achei estranho, mas daí vi que Tomé tinha tido com ela por uns tempos. Então entendi tudo. Me xingou, botou pra fora, ameaçou chamar “os hōmi”, disse que eu tinha roubado o corpo para vender para a Universidade do Cairo, que tinha acabado de abrir um curso bom de Medicina (naquela época só 9 por vaga, e aceitava Enem). Voltei para Damasco.

Mas a coisa toda tinha mudado muito. Lembraram daquela vez na chácara do Yussef em Caná e botaram o homem para fazer vinho em escala industrial. Montaram uma estrutura digna de Heisenberg para fabricar um vinho que chegava a 96.1% de pureza. Claro que não concordei com isso e saí fora.

Depois de um tempo, Marcos também desistiu. Achei prudente juntar toda essa galera, Pedro, Paulo, os canônicos, e ver de refazer essa história meio louca. Que ano foi esse 33 d.C., amigo!

Palavras Finais

Chegaram ao Sepulcro e ele estava vazio. Ali foi o fim ou o início de tudo? Dois mil anos depois, essa semana ainda está presente em nossas vidas – não apenas no Hotel Fazenda em Ribeirão Pires que você reservou para o feriado –, mas na reflexão sobre o que foi feito com esse Jovem Galileu.

Você pode acreditar ou não nessas passagens cristãs. Mas é inegável que é uma baita história, não é não, meu sobrinho?

FIM

Homem Benigno

Quer receber nossos textos em seu e-mail?

[clique aqui](#)

Siga-nos no [Twitter](#)

Curta nosso [Facebook](#)

www.homembenigno.com.br

Siga os colaboradores da obra no Twitter

encarregado Mauricio

[@mauriciodaniell](#)

Flávio Alfonso Jr.

[@flaviosobrenome](#)